

A cena fora de cena, um relato sobre as funções de iluminador contrarregra e operador de luz no espetáculo de Dança A GALERIA.

RENAN BRIÃO¹; CARMEN ANITTA HOFFMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas UFPel – briao_vargas@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas UFPel – carminhalese@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Essa escrita tem o intuito de trazer para a luz os iluminadores e contrarregras de espetáculos cênicos, mais especificamente do seguimento da Dança. Para isso utilizaremos como exemplo as produções artísticas do grupo Baila Cassino, que faz parte do projeto BAILAR: Dança na Maturidade.

A Dança não é somente o momento da cena, ela passa por fases da concepção, pesquisa, elaboração, preparação corporal, ensaios entre outros. Além disso tem também as chamadas áreas técnicas entre elas figurinista, cenógrafos, dramaturgos, músicos, iluminadores, operadores de áudio e vídeo, contrarregras em geral. Um espetáculo é composto pela união entre diversos seguimentos/pessoas/ artistas e essa escrita vem para mostrar o trabalho dos iluminadores.

Há pouco material sobre iluminação cênica para a dança, tendo o teatro a maior parte dos trabalhos que utilizo como fonte de pesquisa. Esta também é a fase inicial de escrita onde pretendo desenvolver mais pesquisas sobre o tema. Dessa forma trago o que pode ser chamado da rotina do iluminador de uma peça, e não vou adentrar em temas de expressão artísticas como a profundidade que traz um contraluz ou a impressão de multidão que traz as sobras projetadas por um refletor posicionado no solo. Intento relatar sobre a rotina de trabalho do iluminador e do contrarregra para a apresentação, restringindo assim a montagem do equipamento, afinação, operação e a desmontagem.

Para a fundamentação desse trabalho trago Simões (2015) que faz um panorama geral sobre a história da iluminação cênica. Assim como Castro; Hoffmann; Santos (2019) que trazem o histórico do grupo que usarei com exemplo além de colocações sobre o aspecto extensionista da universidade, bem como de parâmetros para entendermos a dança enquanto seguimento artístico. Além dessas referências apresento parte da minha trajetória acadêmica, no curso de Dança o qual me despertou interesses nesse campo.

A tarefa de iluminar um espetáculo de dança é proporcionar a interação entre artistas, que irão desenvolver imagens e sombras e escuridão enfatizando a dramaturgia e potencializando o movimento. O coreógrafo escreve o movimento e junto com o iluminador eles os revelam para o público. Mas o quanto de trabalho é empregado para que isso aconteça? Quantas horas quantas pessoas? Os iluminadores e contrarregras são os personagens de muitas histórias que não vemos.

2. METODOLOGIA

Para produção dessa escrita foi levado em consideração a minha atual posição como bolsista do projeto de extensão **BAILAR: Núcleo de Dança na Maturidade** ao qual comecei a participar a partir do mês de junho deste ano. A principal função que exerço como bolsista é apoio técnico junto às atividades do projeto, o que em dia de apresentações é auxiliar na contrarregragem.

Disso surgiu a ideia, de tornar isso evidente no formato de uma escrita, dessa forma relatarei a rotina na montagem de equipamentos para o espetáculo **A Galeria**, do Grupo **Baila Cassino**, este que integra o projeto **Bailar**.

Para isso o texto foi organizado da seguinte maneira: início por um breve histórico sobre iluminação cênica, logo a minha trajetória em que descrevo como comecei a iluminar. Neste momento apresento o grupo escrevendo sobre as suas características e trazendo um breve histórico de seus espetáculos, até o espetáculo em questão, que me insiro como contrarregra e operador de luz.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A iluminação cênica surgiu ainda na Grécia onde embora a sua utilização fosse primordialmente usada como efeitos especiais, com a utilização do fogo, as obras eram apresentadas durante o dia. Foi somente durante o século XVI em que o teatro passou a ser apresentado em espaços fechados. “[...] Embora as técnicas de iluminação tenham se transformado bastante do século XVI até o fim do século XIX, foram sempre formas diferentes de utilização do fogo: velas, lamparinas, lampiões, gás e limelights [...]” Simões (2015, p.122). Esse momento também é uma festa de criações arquitetônicas para suprir as adversidades com a luminescência necessária para apresentações artísticas, nesses espaços.

Porém foi a partir da invenção da lâmpada incandescente que a iluminação cênica chega em seu ápice, pois além de mostrar ela passou a esconder como nos relata Simões:

Em 1879, a invenção da lâmpada incandescente possibilitou a generalização do uso da eletricidade na iluminação. Ela permitia uma grande intensidade de luz, com um custo possível e uma segurança bem maior do que a luz do fogo. A partir de 1880 os teatros começam a trocar seus sistemas de iluminação a gás por sistemas elétricos com uma rapidez inacreditável. Essa descoberta foi considerada a grande revolução da iluminação cênica, a ponto de muitos historiadores pensarem nessa data como o início da história da iluminação ou mesmo da encenação moderna. Com a descoberta da lâmpada “Aparelho destinado a produzir o efeito do Sol levantando (de O Profeta)”. Composto de uma lâmpada de arco-voltaico e um espelho parabólico. À luz da linguagem da incandescente e com a criação das resistências (dimmers), a eletricidade permitiu à iluminação cênica o controle central de todas as fontes de luz do teatro. E mais do que isso (que já havia sido conquistado, em parte, com o gás), possibilitou o blecaute. (2015 p.126-127)

Assim sendo o fato de iluminar uma cena ou uma obra artística é para além de mostrar e esconder é contar a história, compondo formas e profundidade transformando imagens em significados em um curto processo de reflexão. Como mostra Simões.

Quando dizemos que os olhos são a janela da alma, isso é uma metáfora, mas também é uma representação do complexo processo da percepção visual, no qual a luz emitida é refletida pela matéria, atinge o sistema ótico. À luz da linguagem dos nossos olhos que projeta uma imagem (invertida e diminuída) na retina, que impressiona os sensíveis músculos das sete camadas da retina que enviam impulsos elétricos para o cérebro, que por sua vez decodifica essas mensagens e representa uma imagem para o nosso cérebro. A luz, ou seja, a vibração eletromagnética é uma espécie de mensageira de impulsos, que impressiona nossos olhos e é traduzida no cérebro por uma série de elementos de composição visual como cor, forma, volume, profundidade, distância. (2015, p.120-121)

O meu interesse com as partes técnicas em trabalhos artísticos em dança, começaram durante o Curso de Dança Licenciatura, que ingressei em 2015 e me formei em 2018, no atual ano estou graduando no do curso de Música Licenciatura.

Nas disciplinas práticas do curso de dança como, composição coreográfica I e II, e montagem de espetáculo I e II, aguçaram a minha curiosidade para com esta área de atuação, e também a disciplina de Iluminação cênica. Sendo assim fui iluminador de vários espetáculos acadêmicos e contrarregra de alguns espetáculos de grupos e artistas de outras cidades.

O grupo de Dança Baila Cassino é formado por mulheres da Maturidade e desenvolvem diversos trabalhos artísticos. Tendo 12 anos de atuação no cenário da dança na região. O projeto Bailar “ [...] o tem como objetivos principais proporcionar aos alunos de graduação em artes cênicas, bem como ao grupo Baila Cassino, a vivência em processos de composição coreográfica e montagem de espetáculos, difundindo a arte da Dança na Maturidade.” Castro; Hoffmann; Santos,(2019, p.36)

Este grupo em questão tem um histórico de espetáculos e turnês que merecem ser evidenciados. O primeiro espetáculo **Ritmos da Vida** que estreou em novembro de 2008 retratando as diferentes fases da vida. **Salão Paraíso** que teve sua estreia em 2010, e circulou o estado através do prêmio Inezita Barroso passando por diversas cidades do estado. **Mosaico** espetáculo que estrou em novembro de 2011, em única apresentação eu retratou a formação do grupo. **Mama Mia** estreou em 2012 a inspiração para este espetáculo foi o filme de mesmo nome, vale ressaltar que foi nesse ano o grupo passou a integrar o projeto Bailar. Em 2014 estreou o espetáculo **Olé** que foi reapresentado 11 vezes sendo uma delas em Montevidéu/Uruguai. **Apenas Mulheres** estreou em 2015 sendo apresentado em Pelotas, Santa Maria, Belo Horizonte e Montevidéu.

Atualmente o grupo se apresenta com o espetáculo **A Galeria** que teve sua estreia em 2018. Faço parte da equipe enquanto contrarregra e operador de luz. Esta montagem é realizada com refletores leds e um projetor, os leds fazem luz frontal e contraluz enquanto o projetor faz os cenários no ciclorama.

Primeiro devo fazer a distinção entre o trabalho do iluminador do contrarregra e do operador de luz. O contrarregra é o profissional responsável por colocar as coisas no lugar antes ou durante o espetáculo. O operador de luz é o profissional responsável por manusear o equipamento, geralmente a mesa/controladora. O iluminador vai trabalhar junto ao coreógrafo/diretor na concepção visual do espetáculo, montando um mapa de luz e um plano de operação. Mapa de Luz é um esquema visual que mostra onde os equipamentos devem ser colocados. Plano de luz é um esquema que mostra os momentos em que cada refletor deve ser ligado ou desligado. Muitas vezes vemos um acúmulo de função em que uma mesma pessoa faz todos esses serviços, além de ser o operador de áudio e vídeo.

Para a criação de um espetáculo de dança passamos por várias etapas da pesquisa até apresentação. O trabalho do iluminador começa ainda nas fases iniciais onde trabalha junto com os coreógrafos para desenvolverem estética do espetáculo.

O operador, sendo ou não o iluminador, deve acompanhar o grupo em passagens de palco ou ensaios gerais, utilizando-se das ferramentas produzidas, mapa de luz e plano de operação.

O contrarregra é o primeiro a chegar, no dia do espetáculo e dependendo alguns dias antes, para colocar todos os equipamentos no lugar seguindo as orientações do mapa de luz.

Sendo assim de maneira geral a montagem de um espetáculo, em véspera de ser apresentado, se dá com a montagem com o contrarregra e às vezes o iluminador/operador ajudando, organização dos refletores com a comunicação da mesa/controladora. Testes e ensaios gerais com o grupo ou repassando o plano de luz. Apresentação, momento em que vemos todo esse trabalho. E por fim a desmontagem dos equipamentos também feita pelo contrarregra.

4. CONCLUSÕES

O formação de público e difusão da dança que o projeto BAILAR: Dança na Maturidade tem promovido reafirma o compromisso extensionista a que se propõe. Pois leva para a comunidade experiências estéticas únicas, com espetáculos que movimentam a cadeia produtiva na região. Além disso proporcionam que alunos tenham a oportunidade de estudarem conteúdos de forma prática para a montagem dessas obras. Sendo assim a função da iluminação cênica é evidenciar esses trabalhos, mas para isso devemos ter profissionais preparados para atuar nesse segmento.

Por fim deixo mais uma citação de Simões que mostra o quão é importante o trabalho do iluminador.

A iluminação, como a poesia, manipula os signos dessa representação, criando metáforas, deixando lacunas, transfigurando imagens que suscitam a participação do cérebro ou da “alma” humana. Ou seja, na mesma medida em que o artista da língua manipula a palavra, o encenador ou o iluminador manipulam as imagens através da luz criando uma linguagem visual, que se justapõe ou se contrapõe ao texto ou à música, como parte do todo do espetáculo. (2015, p.121).

O espetáculo A GALERIA conta com a colaboração de diferentes elementos que compõem a cena e da colaboração de diversos profissionais ligados à dança, além de iluminador e contrarregra para sua plena execução, valorizando o trabalho de criação coreográfica, preparação corporal, ensaios, montagem da trilha, entre tantos detalhes que vão acompanhando a obra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Daniela Llopart; HOFFMANN, Carmen Anita; SANTOS, Eleonora Campos da Motta. **Baila Cassino Grupo de Dança e Projeto de Extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade como proposta de desenvolvimento e produção artístico-cultural**. Revista da FUNDARTE, Montenegro, p.33-52, ano 19, nº 37, Janeiro/Março. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 30 de março de 2019.

SIMÕES, Cibele. **À luz da linguagem um olhar histórico sobre as funções da iluminação cênica**. Sala preta, São Paulo, p.117-135. 2015 vol 15/n2.